

MARCAS DA LINGUAGEM POPULAR E REGIONAL NO ROMANCE “CAIS DA SAGRACÃO”, DE JOSUÉ MONTELLO

MARKS OF POPULAR AND REGIONAL LANGUAGE IN THE NOVEL ‘CAIS DA SAGRACÃO’ BY JOSUÉ MONTELLO

Eliúde Costa Pereira (UEMA)¹

eliudecosta@professor.uema.br

RESUMO: Neste trabalho, que se insere no âmbito da Sociolinguística, apresenta-se uma análise das linguagens popular e regional presentes no romance “Cais da Sagração” do escritor maranhense Josué Montello, tendo-se entre os principais objetivos mostrar como as obras literárias utilizam as linguagens com a finalidade de agregar verossimilhança às narrativas, assim como, evidenciar um recorte das particularidades linguísticas da região que constitui o contexto social e geográfico em que se desenvolve a trama, de modo particular no que tange às linguagens popular e regional. Com esse propósito, realizou-se uma revisão teórica sobre os estudos de natureza sociolinguística, a fim de explorar a natureza diversificada que marca as línguas de modo em geral e, em especial, caracterizar as linguagens popular e regional, objeto do presente estudo. Para tanto, recorreu-se, sobretudo aos estudos de Preti (1982), mas também a teóricos como Câmara Jr (1975), Garmadi (1983), Labov (1991 [1972]). Com base nessa revisão, fez-se a análise dos dados extraídos da obra supracitada, considerando o foco do estudo. Como resultados, ficou evidenciada a recorrência às linguagens popular e regional por parte do autor da obra, dando a esta caráter verossímil e, por extensão, confirmando a natureza heterogênea e diversificada das línguas, no caso em questão, a Língua Portuguesa, em suas vertentes popular e regional.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; variação linguística; linguagem popular-regional.

ABSTRACT: In this work, which falls within the scope of Sociolinguistics, an analysis of the popular and regional languages present in the novel “Cais da Sagração” by the Maranhão writer Josué Montello is presented, with one of the main objectives being to show how literary works use languages with the purpose of adding verisimilitude to the narratives, as well as highlighting a section of the linguistic particularities of the region that constitutes the social and geographic context in which the plot develops, particularly with regard to popular and regional languages. With this purpose, a theoretical review was carried out on studies of a sociolinguistic nature, in order to explore the diverse nature that marks languages in general and, in particular, to characterize popular and regional languages, the object of the present study. To this end, we resorted mainly to the studies of Preti (1982), but also to theorists such as Câmara Jr (1975), Garmadi (1983), Labov (1991 [1972]). Based on this review, the data extracted from the aforementioned work was analyzed, considering the focus of the study. As a result, the recurrence of popular and regional languages on the part of the author of the work was evident, giving it a credible character and, by extension, confirming the heterogeneous and diverse nature of languages, in the case in question, the Portuguese Language, in its aspects popular and regional.

KEYWORDS: Sociolinguistics; linguistic variation; popular-regional language.

¹ Universidade Estadual do Maranhão (UEMA. Doutor em Linguística).

1 Introdução

Para dar um caráter científico aos estudos da linguagem, Ferdinand de Saussure (2006) foca seu interesse de estudo em um viés da língua, a modalidade escrita, por ter esta, segundo ele, um caráter homogêneo. A despeito disso, a língua falada, com seu caráter heterogêneo, aberto, mais representativa da diversidade linguística, também passa a constituir objeto de atenção, conforme se verá adiante. E, com os estudos sociolinguísticos, que têm no linguista americano Labov seu principal representante, as diferentes variedades de uma mesma língua se tornam foco de investigação. A partir de então, não só a escrita, mas também a fala passam a ser objeto de pesquisas científicas.

Assim sendo, com o advento da Sociolinguística se acentua o interesse pelo conhecimento e pela compreensão dos variados níveis de linguagens presentes em cada sociedade, já que se passa a considerar que cada um desses níveis tem seu lugar e importância nesse mesmo contexto social, uma vez que a linguagem é um dos principais fatores de construção da identidade de cada indivíduo e, por conseguinte, de um povo.

Em conformidade com tal perspectiva de ampliação do conhecimento da diversidade linguística que se decidiu realizar um estudo a respeito dos traços da linguagem regional e popular da obra *Cais da Sagrada*, de Josué Montello, visto que esse romance apresenta uma narrativa cuja ambientação principal é uma cidade do interior maranhense e, portanto, os personagens são, em geral, pessoas simples, portadoras de uma linguagem tipicamente popular e regional.

O embasamento teórico da pesquisa centrou-se em autores como Câmara Jr (1975), Garmadi (1983), Labov (1991 [1972]), Preti (1982) entre outros. Já a operacionalização constou de leitura da obra literária, para construção do *corpus*, analisado com base nas obras ora apresentadas.

Assim, o presente artigo consta inicialmente de uma revisão teórica acerca dos estudos da linguagem, com ênfase nas relações entre língua, linguagem e sociedade, discutindo-se, em consequência disso, as variedades linguísticas decorrentes de fatores

geográficos e sociais, desembocando na caracterização da linguagem popular e regional. Na sequência, apresenta-se, de forma panorâmica, a obra objeto de análise e dados biográficos de seu respectivo autor. Por último, apresenta-se a análise dos dados, envolvendo, tanto os aspectos morfossintáticos como os lexicais.

2 Uma breve visão dos estudos sobre a linguagem

A compreensão dos fenômenos da linguagem é um tema que tem despertado o interesse de diferentes estudiosos ao longo do tempo. Já na Grécia antiga, filósofos como Platão (429-347 a.C.) e Aristóteles (384–322 a.C.) refletiam sobre a naturalidade ou convencionalidade da linguagem (WEEDWOOD, 2002). Também por essa época, os filósofos debatiam a respeito da própria organização da linguagem, a fim de entender se esta decorria da ordem existente no mundo, seguindo princípios baseados nas semelhanças ou diferenças (ORLANDI, 2006, p.8).

Posteriormente, com os fundamentos deixados, em especial por Aristóteles, os estoicos desenvolveram a gramática da língua grega, com base, sobretudo, nas noções de “certo” e “errado” (CÂMARA JR., 1975). Essa visão maniqueísta marca a produção inicial de gramáticas e privilegiou a valorização do nível culto das línguas em detrimento dos outros níveis, como é o caso das linguagens popular e regional, cerne deste artigo.

Convém esclarecer que os estudos ora mencionados possuíam um caráter eminentemente filosófico. Aristóteles, por exemplo, cujas reflexões sobre a linguagem exerceram grande influência nos séculos seguintes – sobretudo, até o advento da Linguística propriamente dita –, “via a linguagem através da lógica e desenvolveu o estudo lógico da linguagem” (CÂMARA JR., *ibid.*, p. 26). Essa visão aristotélica fará com que a linguagem seja considerada por muito tempo como simples expressão do pensamento, que constitui a mais antiga das concepções de linguagem, conforme Koch (2007).

Séculos mais tarde, quando a Linguística se constituiu como ciência, encontra-se em Saussure uma visão de língua de natureza sistêmica, convencional e homogênea. É assim que, para esse teórico, a língua é “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, *Op. cit.*, p. 17). Desse modo, para Saussure, a língua tem um caráter social, e, como se sabe, as sociedades são heterogêneas, logo, a manutenção da homogeneidade de uma língua é algo praticamente impossível.

Na década de 60, essas relações entre língua e sociedade, que evidenciarão a heterogeneidade daquela, ganham projeção, principalmente com a emergência dos estudos realizados por Labov (1991 [1972]), considerado o pai da Sociolinguística, o qual questionará os estudos linguísticos centrados nessa visão saussuriana de homogeneidade linguística, já que segundo esse autor,

Os procedimentos da linguística descritiva se baseiam no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariantes e compartilhadas por todos os membros da comunidade lingüística (*sic*). Todavia, as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura linguística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralingüísticos (*sic*) (LABOV, 1968, *apud* MONTEIRO, 2000, p.13).

É essa perspectiva de heterogeneidade linguística, explorada por Labov (*Op. cit.*), e por aqueles alinhados à sua percepção de língua, que conduzirá o estudo que resultou na produção deste artigo.

3 Língua, sociedade e heterogeneidade linguística

Conforme afirma Preti (*Op. cit.*), entre sociedade e língua não há uma relação de mera causalidade. Assim, antes mesmo que os estudos entre língua e sociedade ganhassem corpo e passassem a constituir uma disciplina autônoma, por meio das

investigações realizadas, principalmente por Labov (*Ibid.*), estudiosos como Antoine Meillet, discípulo de Saussure, questionavam a homogeneidade do sistema linguístico defendida por este último. Meillet, por exemplo, considerando a linguagem como um fato social, “propôs-se a tarefa de fundar uma linguística de base sociológica” (ELIA, 1987, p.18).

Mas é com Labov (*Op. cit.*) que essa relação língua - sociedade passa a ser objeto de um estudo específico, instituindo-se a Sociolinguística, que, em princípio, pode-se dizer estuda as relações entre as variações linguísticas e as variações sociológicas (PRETI, *Op. cit.*).

3.1 Variedades geográficas e sociais

A atividade linguística de uma comunidade pode ser caracterizada pela *variação intralingüística*, manifestada nos usos e nas estruturas de um mesmo sistema, e pela *variação interlingüística*, existente entre os próprios sistemas (Garmadi, 1983, p.27-28).

Preti (*Op. cit.*, p.9) afirma que as *variações extralingüísticas* são de três maneiras, segundo a Sociolinguística francesa:

- a) Geográficas: envolvem as variações regionais;
- b) Sociológicas: compreendem as variações provenientes de idade, sexo, profissão, nível de estudos, classe social, localização da mesma região, raça;
- c) Contextuais: constam de tudo aquilo que pode determinar diferenças na linguagem do locutor, por influências alheias a ele, como, por exemplo, o assunto, o tipo de ouvinte, o lugar em que o diálogo ocorre e as relações que unem os interlocutores.

Como se observa, fatores variados podem interferir no uso da linguagem, resultando disso especificidades sociais e individuais na realização linguística. Como este trabalho se volta para a análise do uso da linguagem regional e popular em uma obra literária, focar-se-á nas variações geográficas e sociológicas.

No que tange ao aspecto geográfico, as variações linguísticas dele decorrentes são estudadas pela Dialetologia, cujo objetivo é identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, de acordo com a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica, conforme Cardoso (2010, p.15), para quem:

o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história (CARDOSO, 2010, p. 15)

Como se observa nas palavras da autora, fatores diversos são responsáveis pela variação linguística decorrente da distribuição dos falantes de uma mesma língua, no espaço geográfico. No Brasil, por exemplo, um país de dimensão continental, embora se reconheça que não haja dialetação na língua portuguesa aqui falada, as variações, principalmente de natureza fonética e lexical, são verificadas não somente de região para região, mas também dentro de uma mesma região geográfica. A dialetação, como se sabe, ocorre quando a língua passa por alterações de natureza não apenas fonética e lexical, por exemplo, mas também estrutural (sintática), sendo que este último aspecto ainda não foi identificado no português falado no Brasil.

Ao se considerar os fatores ora elencados por Cardoso (*Ibid.*) para justificar as variações a que as línguas estão sujeitas a sofrer em decorrência de sua distribuição no espaço geográfico, observa-se que é compreensível a diversidade de variações linguísticas, denominadas pelos dialetólogos de *falares regionais*, verificadas nas diferentes regiões brasileiras. Como se conhece, quando os portugueses – de quem se herdou a língua portuguesa – aqui chegaram, em 1500, calcula-se que, naquela época, eram faladas pelos nativos cerca de 1200 línguas (RODRIGUES, 1986). Muito embora 85% dessas línguas já tenham desaparecido (SEKI, 1999), é inegável que, de algum modo, elas tenham influenciado o português, a língua oficial, em especial no que se refere ao léxico, principalmente em determinadas regiões, como é do caso do Norte do Brasil, onde ainda hoje a presença indígena é significativa.

Além dos índios, também os negros, trazidos para as terras brasileiras no período da colonização, deixaram marcas de seus dialetos crioulos. E, neste caso específico, como se sabe, a região Nordeste, cenário da obra cuja linguagem se constitui em objeto de análise deste artigo, foi uma das regiões que mais escravos receberam. Consequentemente, a presença desse público, neste espaço geográfico, deixou suas marcas na linguagem da região.

Enfim, o histórico de colonização do Brasil contribuiu para que a língua portuguesa falada em cada região do país adquirisse características particulares, principalmente nos aspectos fonéticos, lexicais e semânticos. Além disso, para Marroquim (1996, p.9) “a enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridades e modismos desconhecidos nas outras”.

Esses são, portanto, alguns dos aspectos que contribuem para marcar, do ponto de vista geográfico, diferenças na língua portuguesa falada no Brasil.

No que tange ao aspecto sociológico, Preti (1982, p.20) afirma que “as variações sócio-culturais podem ser influenciadas por fatores ligados diretamente ao *falante* (ou ao grupo a que pertence), ou à *situação* ou a ambos simultaneamente.” (grifos do autor)

Em relação às variedades devidas ao falante, Preti (*Ibid.*, p.20-24) diz que elas podem ter origem em decorrência de fatores como:

- a) idade: decorrem das várias faixas etárias encontradas em um mesmo grupamento social, tem-se: linguagem adulta, linguagem jovem, linguagem infantil;
- b) sexo: de acordo com a comunidade, a oposição entre linguagem masculina *versus* linguagem feminina pode determinar diferenças sensíveis, principalmente no vocabulário;
- c) raça: compreendem as variações linguísticas ligadas a fatores etnológicos;

Conforme já enfatizado quando se falou sobre a linguagem regional, o Nordeste é uma das regiões que recebeu grande leva de imigrantes negros durante o período de colonização do Brasil, por essa razão são bastante expressivas as influências dos falares desse grupo étnico nos falantes desta região.

d) profissão: compreende a linguagem técnica ou profissional, marcada principalmente pelo vocabulário, condizente com cada profissão;

e) posição social: feitas as devidas ressalvas, cada posição social tem a sua linguagem, constituindo um fato caracterizador do *status* do falante;

f) grau de escolaridade: a frequência à escola possibilita ao falante dominar formas cada vez mais cultas, levando-o a distanciar-se gradativamente da linguagem popular, de que se falará adiante;

g) local em que reside na comunidade: envolve as variedades de hábito dentro de uma mesma comunidade.

Ainda segundo Preti (*Ibid*, p. 24-33), esses fatores individuais repetem-se com relativa uniformidade nos vários grupos de uma comunidade, resultando disso comportamentos linguísticos coletivos. Assim, ele afirma que, em tese, é possível identificar em qualquer área geográfica um sistema de variedades socioculturais da linguagem denominada de dialetos sociais. Estes, embora não sejam tão claramente distintos como o são os geográficos, todavia, é possível estabelecer pelo menos duas variedades: uma “linguagem culta” ou “padrão” e uma “linguagem popular” ou “subpadrão”, sendo a primeira de maior prestígio e a segunda, de menor prestígio.

3.2 A linguagem popular e regional

Conforme Preti (1982, p.28), o dialeto social popular, que doravante se denominará apenas de linguagem popular, caracteriza-se, entre outros aspectos, por:

- a) economia nas marcas de gênero, número e pessoa;
- b) redução das pessoas gramaticais do verbo; mistura da 2^a pessoa com a 3^a no singular; uso intenso da expressão de tratamento a “gente”, em lugar de “eu” e “nós”; redução dos tempos da conjugação verbal e de certas pessoas, como, por exemplo, a perda quase total do futuro do presente e de pretérito, do mais-que-perfeito, no indicativo; do presente do subjuntivo; do infinitivo pessoal;

- c) falta de correlação verbal entre os tempos;
- d) redução do processo subordinativo em benefício da frase simples e da coordenação;
- e) maior emprego da voz ativa, em lugar da passiva;
- f) predomínio das regências diretas nos verbos;
- g) simplificação gramatical da frase, emprego de “bordões” do tipo “então”, “aí”, etc.;
- h) emprego dos pronomes pessoais retos como objetos;
- i) léxico marcado por vocabulário restrito, de uso muito amplo nos mais diversos sentidos, além do uso abusivo de gírias e de recursos enfáticos, como os termos obscenos.

Segundo Garmadi (*Op. cit.*, 1983, p.55), a linguagem popular teria uma origem regional, conforme se observa a seguir:

Conviria, por conseguinte, reservar actualmente a denominação de variedades populares para aquelas que têm uma origem regional comum com as variedades normalizada e veicular, mas que se conservaram à margem da codificação, e que, preservando funções regionais, não participaram no processo de normalização. (GARMADI, 1983, p.55),

Esse ponto de vista interessa aos propósitos deste artigo, que envolver análise das peculiaridades linguísticas regionais de uma obra cujos cenários da trama são as cidades de Cururupu, no interior do Maranhão, e de São Luís, a capital do Estado. Estudos dialetológicos, como o realizado por Marroquim (1996), por exemplo, têm evidenciado particularidades da língua portuguesa falada no Nordeste Brasileiro, região em que estão localizadas tais cidades.

Conforme Aragão (s.d, p. 5):

O Brasil é tido como um país-continente, com diferenças regionais e socioculturais imensas e, por isso mesmo, a língua portuguesa, em nosso país, apresenta uma diversidade bastante significativa, tanto

regional quanto social, especialmente em relação ao léxico. Essa diversidade muitas vezes é característica de um estado específico, outras vezes se estende para toda uma região (ARAGÃO, s.d, p. 5)

Conforme destaca essa dialetóloga, as variações regionais tendem a ocorrer com maior relevância no âmbito lexical. Ainda se referindo às variações regionais, Calvet (2002, p.89) afirma que “a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território”.

Como se observa, há uma concordância na posição dos dois autores em relação a uma maior abrangência do aspecto lexical nas variações regionais, embora o último enfoque inclua também a variação fônica. Todavia, como a presente análise se centra em texto escrito, resolveu-se focar apenas no componente lexical, no que tange à variação regional.

Ao abordar a exploração da linguagem popular e regional em obras literárias, Preti (1984) afirma que se trata de um fato comum na obra de muitos literatos, em diferentes épocas, o que ocorre, principalmente, por meio da fala de personagens, resultando em um diálogo mais próximo da realidade.

4. A obra “Cais da sagrada”

Publicado em 1971, o romance *Cais da Sagrada* está entre as obras que notabilizaram o escritor Josué Montello. Por meio dela, o autor conquistou o prêmio Intelectual do Ano, conferido pela Folha de São Paulo e pela União Brasileira de Escritores, em 1971. No ano seguinte, a Fundação Cultural de Brasília conferiu ao romance o seu Prêmio de Ficção.

A crítica literária também considerou a obra como uma das mais importantes da língua portuguesa. Quando do lançamento da obra na Inglaterra, o crítico inglês Martyn Goff, do *The Daily Telegraph*, afirmou que basta ler a primeira frase do romance para ficar preso à narrativa. O romance foi traduzido para o inglês, com o título de *Coronation Quay* (1975); na tradução em espanhol recebeu o título *Muelle de la*

consagración (1979); e na versão em francês foi intitulado *Les tribulations de Maître Severino* (1981).

A obra, cujo cenário principal é uma cidadezinha de pescadores do litoral maranhense (Cururupu-MA), tem como protagonista o Mestre Severino, considerado um dos maiores barqueiros do Maranhão na época. Filho e neto de barqueiros famosos, Mestre Severino, já com a idade avançada e a saúde fragilizada, sem filhos, sonha com o dia em que passaria a seu neto, Pedro, o comando de seu barco, o Bonança. Todavia, o neto, que não saía da barra da saia de Lourença, não demonstrava interesse em herdar a profissão do avô.

Lourença, primeira companheira de Mestre Severino, nunca conseguira dar-lhe um filho, o que fez com que a relação dos dois se desgastasse com o tempo. Em uma de suas rotineiras viagens a São Luís, Mestre Severino conhece, no Cais da Sagrada, a Vanju, uma mulher da vida, e, tomando conhecimento da vida que esta levava, promete casar-se com ela e dar-lhe uma nova vida.

Ao retornar para casa, Mestre Severino comunica para Lourença sua intenção de casar-se. Esta, inicialmente, fica entusiasmada com a notícia, mas logo o companheiro a avisa de que iria casar-se, sim, mas com uma mulher que conhecera em sua viagem. De companheira, logo Lourença se torna apenas uma agregada. Mas é ela quem vai cuidar da filha da Vanju, principalmente depois que esta é assassinada pelo marido ao tomar conhecimento de que estava sendo traído. É ela também quem cuidará dos negócios de Mestre Severino durante todo o tempo em que este passará na prisão, após se entregar espontaneamente para pagar pelo crime de assassinato da esposa. Quando a filha da Vanju, a Mercedes - esposa do Vicente, que em uma de suas viagens para pescar nunca mais regressou -, morreu durante o parto deixando o Pedro órfão, foi também a Lourença quem dele cuidou até tornar-se aquele rapagão que Mestre Severino insistia em fazê-lo barqueiro.

Já livre da prisão, mas proibido pelo médico de continuar a fazer suas viagens para São Luís, no comando do Bonança, Mestre Severino guiado pela teimosia resolve fazer sua última viagem e insiste em levar Pedro consigo, pela primeira vez, mesmo a

contragosto de Lourença, que tudo fez para impedir que a viagem se concretizasse, para evitar que o “menino”, quem sabe, ficasse à deriva em alto mar, caso o avô sofresse, durante a viagem, mais uma de suas constantes crises decorrentes do coração que já não batia mais no mesmo ritmo.

Finalmente, a viagem inicia e, no trajeto, Pedro conhece Davi, rapaz homossexual, que vivia em um quarto alugado na capital, o qual não perde tempo em oferecer-se para mostrar a cidade àquele. Ao chegarem a São Luís, Mestre Severino deixa o neto no barco, enquanto vai ao comércio, mas ao retornar não mais o encontra. Enquanto isso, Pedro andava pela cidade em companhia de Davi a quem confessa que não mais voltaria para casa com o avô. Este, após longas buscas pela cidade, surpreende o neto em companhia de Davi e o leva de volta ao barco. Durante o trajeto, Mestre Severino “percebe” trejeitos do Davi no neto, o que o deixa revoltado.

Após andar com Pedro pela cidade, apresentar-lhe a comerciantes, comprar-lhe presentes, Mestre Severino quis levá-lo para fazer a tatuagem de uma âncora em seu braço, mas o neto recusou dizendo francamente ao avô que não queria ser barqueiro. Diante dessa situação, Mestre Severino, encolerizado, decide jogar o neto ao mar durante a viagem de volta, pois prefeririavê-lo morto a ter um “fresco” na família, e ainda mais o próprio neto, aquele a quem ele deveria entregar o seu barco, para dar continuidade à trajetória de seus antepassados. Além disso, tinha certeza de que Deus o haveria de perdoar.

Firme em seu intento, Mestre Severino não quis levar nenhum passageiro consigo na viagem de retorno, somente carga. Durante a viagem, em meio a uma grande tempestade, o barqueiro tem mais uma de suas crises, durante a qual o neto divide-se entre o comando do barco e o amparo ao avô. Mestre Severino percebeu então que a habilidade para lidar com o barco vinha do sangue do neto, da essência mais profunda de sua natureza. Pôde reconhecer em Pedro então seu neto verdadeiro, barqueiro como ele.

Mestre Severino agora dizia a si mesmo que já poderia morrer de coração limpo, certo de que terminara sua missão neste mundo.

4.1 O autor do romance “Cais da Sagração”

Nascido em São Luís-MA, a 21 de agosto de 1917, já aos 15 anos Josué publica seu primeiro artigo jornalístico, em *O Imparcial*, falando sobre educação. Em 1936, viaja para Belém, e de lá se transfere para o Rio de Janeiro, onde fixará residência. Em 1938, torna-se funcionário público, como Técnico de Educação do Ministério da Educação e Saúde. Durante a sua trajetória profissional, exerceu cargos importantes como: Secretário-geral do Maranhão, no governo de Saturnino Belo (1946); Diretor Geral da Biblioteca Nacional (1947-1951); Subchefe da Casa Civil do Governo Juscelino Kubitschek (1956); fundador e Diretor do Museu da República, no Rio de Janeiro (1960); fundador e primeiro presidente do Conselho Federal de Cultura; Reitor da Universidade Federal do Maranhão; organizador do Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM); Embaixador do Brasil junto à UNESCO, de 1985 a 1989, membro da Academia Brasileira de Letras, onde ingressou em 1954, e da qual foi presidente, de 1993 a 1995.

Romancista, novelista, contista, historiador, cronista, ensaísta, biógrafo, conferencista, professor, Josué Montello também contribuiu em diversos periódicos, tais como: *A Tribuna*, *O Imparcial*, *O Estado do Maranhão* (no Maranhão) e *Dário de Notícias*, *Jornal do Comércio* e *Correio da Manhã* (no Rio de Janeiro).

Entre os romances do escritor estão: *Janelas fechadas* (1941); *A luz da estrela morta* (1948); *O labirinto de espelhos* (1952); *A décima noite* (1959); *Os degraus do paraíso* (1965); *Cais da Sagração* (1971); *Os tambores de São Luís* (1975); *Noite sobre Alcântara* (1978); *A coroa de areia* (1979); *O silêncio da confissão* (1980); *Largo do Desterro* (1981); *Aleluia* (1982); *Pedra viva* (1983); *Uma varanda sobre o silêncio* (1984); *Perto da meia-noite* (1985); *Antes que os pássaros acordem* (1987); *A última convidada* (1989); *Um beiral para os bentevis* (1989); *O camarote vazio* (1990); *O baile da despedida* (1992).

5. Análise da linguagem popular e regional que emerge na obra “Cais da sagrada”

Por se tratar de uma obra cujo cenário principal é uma cidadezinha de pescadores do interior do Maranhão e ter como personagens, em sua maioria, pessoas simples, com pouca escolarização, o foco do autor não está na exploração da linguagem popular e regional, mas naturalmente essa acaba emergindo, o que, ao invés de empobrecê-la, pelo contrário, dá um tom de maior verossimilhança à narrativa.

São justamente os traços dessa linguagem popular e regional que se passará a explorar. As palavras e trechos extraídos da obra² aparecerão entre aspas, com indicação da página de origem e, quando necessário, em itálico e em negrito.

5.1 Aspectos morfossintáticos

5.1.1 *Mistura da 2^a pessoa com a 3^a no singular, em relação ao uso dos verbos:*

“- Não precisa correr, Cabelo de Fogo. Teu pai sabe que tu **veio** comigo.” (p. 235)

Tem-se aqui, na fala de Loló Maresia, uma prostituta que recolhia os seus homens na calçada do cais, à noite, e com quem Mestre Severino “deita-se” pela primeira vez, uma ocorrência de flexão verbal (pronome-sujeito na 2^a pessoa do singular e o verbo, em destaque, na terceira pessoa do singular) que não segue o padrão da norma padrão, o que dá mais realidade à fala da personagem, considerando o baixo *status social* desta.

5.1.2 – *Redução dos tempos da conjugação verbal e de certas pessoas, como, por exemplo, a perda quase total do futuro do presente e do pretérito.*

“— Estou pensando como é que **vai ser** quando você entrar na igreja. Antes de você chegar a pisar na porta, já **tem** gente de pescoço torcido, de tanto olhar para trás, e

² Conforme indicado nas referências, trabalhou-se com os dados da 5^a edição da obra “Cais da Sagrada”.

com o olho arregalado! Nossa Senhora! *Vai-se falar* mais de você com esse chapéu, do que se falou do último cometa!” (p. 31)

Somente nesta fala de Mestre Severino, referindo-se a seu futuro casamento com a Vanju, tem-se três situações em que, em linguagem culta, ter-se-iam provavelmente formas simples do futuro do presente do indicativo. Contudo, o personagem valeu-se de formas compostas características da linguagem popular, na primeira e terceira ocorrências (*vai ser* e *vai-se falar*, respectivamente). Já na segunda ocorrência (*tem*), houve o uso de presente do indicativo, no lugar do futuro do presente, muito comum na linguagem popular. Embora se trate de um trecho de discurso direto, em linguagem culta as formas simples seriam as escolhidas nos casos em que houve o uso das formas compostas.

Essa faceta da linguagem popular ora analisada é recorrente na obra, conforme se mostrará por meio de mais dois trechos, que seguem:

“- No fim, quem acabou sendo a mãe da filha de Vanju? Eu. Mais ninguém. Quem é que *podia* imaginar que a menina *ia* ser minha? E foi. Foi. Louvado seja Deus.” (p. 175)

“- Minha festa *vai ser* na igreja – responde Mercedes – Vou passar um dia inteiro de joelhos, diante da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, para agradecer a graça alcançada.” (p. 218)

Na primeira citação, uma fala da personagem Lourença, como se observa, há dois casos, em uma única frase, em que o futuro do pretérito foi substituído pelo pretérito imperfeito do indicativo, o que também é característico da linguagem popular.

Na segunda citação, em que a personagem Mercedes, filha de Mestre Severino faz uma promessa em favor do retorno do marido que saíra para pescar de barco e não mais retornara, tem-se novamente o uso de uma locução verbal (*vai ser*) substituindo a forma simples (*será*) do futuro do presente do indicativo, que seria a utilizada em uma linguagem culta.

5.1.3 Falta de correlação entre os tempos verbais

A não concordância entre os tempos verbais é outro fenômeno linguístico muito comum na linguagem popular e que emerge frequentemente na fala dos personagens da obra, conforme se verá nos trechos abaixo:

“- Foi bom o Lucas Faísca não ter vindo. Se viesse, **era** ele que *ficava* com a fama de ter levado o barco. Hei de me arranjar sozinho, com o favor de Deus.” (p. 149)

“- Juro a você que, se soubesse que esse Davi *vinha* nesta viagem, *tinha* procurado outro barco para vir a São Luís.” (p. 225)

Nos dois trechos anteriores – o primeiro, uma fala de Mestre Severino, e o segundo, uma fala de D. Corina, passageira na viagem em que, pela primeira vez, o protagonista da narrativa, o barqueiro Severino, leva o neto consigo à ilha, a fim de que este aprenda o ofício do avô –, tem-se duas situações em que ocorre período composto por subordinação, sendo que, na primeira oração, em ambos os trechos, o verbo está no pretérito imperfeito do subjuntivo, exigindo, na linguagem culta, que os verbos da oração seguinte apareçam no futuro do pretérito do indicativo, o que não ocorre.

Na linguagem culta, ter-se-iam, portanto, nos casos destacados acima, as formas *seria*, *ficaria*, *viria* e *teria*, respectivamente. Porém, na linguagem popular, é comum, nessas situações, o futuro do pretérito do indicativo ser substituído pelo pretérito imperfeito, o que ocorre frequentemente na obra, aproximando, portanto, a linguagem da ficção com a linguagem real.

5.1.4 Uso do verbo “ter” em lugar do verbo “haver”

Na linguagem popular, é comum a utilização do ver “ter” em casos em que a linguagem culta exige o uso do verbo “haver”. Em tais situações, o verbo haver tem o sentido de existir. Na obra ora analisada, essa marca da linguagem popular também se faz presente, conforme se verá por meio dos exemplos a seguir:

“- No dia seguinte, quem entrou morta em casa, nos braços de Mestre Severino (até parece mentira, **tem** horas que eu não quero acreditar) foi a Vanju.” (p. 174)

“- Não **tem** nada pra ladrão levar. Só coisa de gente velha. E coisa de gente velha, quem é que quer?” (p. 220)

Observam-se nos exemplos, nas duas falas da personagem Lourença, a substituição do verbo haver pelo verbo ter, os quais nesse tipo de ocorrências indicam linguagem culta e popular, respectivamente.

5.1.5 Redução do processo subordinativo em benefício da frase simples e da coordenação

A construção discursiva centrada em frases curtas e uso predominante de orações coordenadas, característica da linguagem popular, é muito frequente na obra analisada, sobretudo nas falas dos personagens mais simples, como é o caso de Lourença e do próprio Mestre Severino. O trecho a seguir demonstra muito bem esse tipo de construção:

“- Estou velha, cansada, Deus fazia uma caridade me levando daqui. Viver mais para que? Nunca sofri como hoje. Nem mesmo quando morei com a Vanju e fiquei sozinha no meu canto, esperando morrer. Não morri, agüentei (*sic*) a humilhação calada, não podia falar com ninguém.” (p. 174)

Como se observa, em todo esse trecho, há predominância dos períodos compostos por coordenação e dos períodos simples com orações absolutas, evidenciando, portanto, o uso da linguagem popular.

5.1.6 Simplificação gramatical da frase, emprego de “bordões” do tipo “então”, “aí”, etc.

O trecho a seguir evidencia a simplificação das construções frasais, frases curtas, por exemplo, e o uso do “aí” como recurso de marcação da continuidade da fala, reforçando o emprego da linguagem popular.

“- Neste mundo, que Deus me perdoe, tem muita gente ruim e que só pensa na desgraça dos outros. Eu era feliz, tinha tudo de meu, não queria mais do que tinha. Alguém passou por aqui e me botou o olho-grande. *Aí* começou meu sofrimento. Sofri

muito. Só eu sei. Mas agora, com a viagem de Pedro, estou sofrendo mais. Muito mais.”
(p. 175)

5.1.7 Emprego dos pronomes pessoais retos como objetos

Os exemplos explicitam a utilização, na obra, de outra marca da linguagem popular, a substituição dos pronomes pessoais oblíquos pelos retos, na função de objeto direto, conforme segue.

“- Tudo quanto uma mulher pode querer de um marido, eu dei à Vanju. Carinho, dinheiro, casa e comida, vestido novo, passeio, revista de moda, sapato alto, chapéu, tudo ela teve de mim, neste ano e meio. Só não levei *ela* a São Luís, numa de minhas viagens, depois que nos casamos, porque isso mesmo tinha ficado assentado.” (p. 110)

“- Mas se o senhor não viu *ela* nem lhe ouviu a voz, como é que diz que a finada esteve aqui? – tornou o padre, de pé, um começo de riso a repuxar-lhe os cantos da boca.” (p. 157)

Como se observa, as duas situações envolvem personagens com *status* linguísticos bem diferenciados, já que no primeiro caso se tem a fala de Mestre Severino, homem rude, simples barqueiro, e, no segundo, a fala do padre Dourado, que, considerando a formação teológica e, consequentemente, linguística que possuía, estaria mais propenso ao uso da linguagem culta. Todavia, emerge, nos dois falantes, o uso de pronome pessoal reto, na função de objeto direto. Em ambos os casos, a linguagem culta exige o uso de pronome oblíquo.

5.1.8 Uso de pronome oblíquo em início de frase

Embora a linguagem culta proíba o uso de pronomes oblíquos em início de frases, na linguagem popular tal regra geralmente não é observada, principalmente na linguagem falada. Nos dois trechos, o primeiro, uma fala do Clementino, passageiro do barco de Mestre Severino, e, o segundo, uma fala de Davi dirigida a Pedro, evidenciam ocorrências dessa faceta da linguagem popular na obra analisada.

“- *Me* diga uma coisa, Mestre Severino. Nestes 42 anos em cima do mar, o senhor chegou a ver o tal navio encantado de D. Sebastião?” (p. 180)

“- Aquele banco, defronte do prédio medonho dos Correios, é famoso: é ali que sentam, para falar de todo mundo, as línguas mais venenosas do Maranhão. De mim, sei que dizem o diabo. Que sou isto, que sou aquilo. Amanhã, vão dizer a mesma coisa de ti. *Te* prepara, meu irmão.” (p. 256)

5.2 Aspectos lexicais

No que se refere ao aspecto lexical, destacam-se as seguintes facetas da linguagem popular e/ou regional presente na obra.

5.2.1 Emprego de frases provérbios (frases feitas)

Os provérbios (frases feitas), por não envolverem criatividade em sua formação, de acordo com a teoria gerativa chomskiana, são muito comuns na linguagem popular e regional e estão presentes em grande quantidade na obra, conforme se verá a seguir.

“O homem só morre quando se entrega.” (p. 46); “Só se morre no dia.” (p. 86); “A moça deu um mau passo”. (p 87); “O marido meteu o pé no mundo”. (p. 87); “Não brigam dois quando um não quer”. (p. 88.89); “É na hora do aperto que a gente conhece os amigos.” (p. 125); “Cada um cuida de si e Deus de todos.” (p. 126); “Ninguém morre antes da hora”. (p. 126); “Casa de velho cheira a formiga.” (p. 127); “Quem te viu e quem te vê!” (p. 127); “... ele vai ver com quantos paus se faz uma cangalha.” (p. 134); “- Há males que vêm para bem”. (p. 149); “- O que tem de ser ninguém muda.” (p. 184); “... o espinho, quando tem de furar, de novo traz a ponta.” (p. 198); “... um dia é da caça, outro do caçador.” (p. 204); “De hora em hora Deus melhora.” (p. 239); “Ninguém fica para semente”. (p. 240); “- Quem não se trata se maltrata...” (p. 269); “Na vida, (...) cada coisa tem seu dia.” (p. 280).

Fica explícita, por meio dos trechos ora apresentados, a grande quantidade de vezes em que os personagens recorreram a frases feitas, reforçando o viés da linguagem popular e regional presente na obra. Destaca-se que, no dito popular “... ele vai ver com quantos paus se faz uma cangalha.”, expressão utilizada pelo padre Dourado, surge o vocábulo “cangalha”, muito comum em regiões rurais do Nordeste brasileiro. Sabe-se

que, na versão original, o vocábulo utilizado é “jangada”. Vê-se então a interferência do léxico regional nessa expressão.

5.2.2 Outras expressões populares e/ou regionais presentes na obra

Ao longo de toda a obra, podem ser encontradas inúmeras outras expressões de cunho popular e/ou regional, tais como:

“*Em dois tempos*, o doutor dá um jeito nessa sua falta de ar.” (p. 26); “...não deixe eu *ficar no ora veja...*” (p. 27); “Então a senhora acha que eu, com setenta e seis anos *em cima do lombo...*” (p. 27); “Não tinha sido assim com a *pontada nas costas...*” (p. 28); “... a sua noiva era *mulher da vida?*” (p. 32); “- *De papel passado.*” (p. 35) – em referência a casamento no civil; “Faço questão de *quebrar a castanha* na boca daquela gente.” (p. 36); “*Uma ova!*” (p. 44); “temperou a *galinha de cabidela, o leitão de vinha d'alhos*” (p. 52); “... no *jogo de cabra-cega* ou do *chicote-queimado.*” (p. 74); “... é uma *besta quadrada*” (p. 76); “E *aí é que são elas.*” (p. 79); “... não *arredar o pé de casa...*” (p. 89); “*Nunca mijei fora do caco...*” (p. 93); “- *Ô de casa!*” (p. 124); “... *quando o sol quebrar...*” (p. 124); “- *Não repare* eu não me levantar...” (p. 125); “... abrangeu o barco *de lés a lés ...*” (p. 149); “... era uma *bordadeira de mão-cheia.*” (p. 175); “*Gente muita.*” (p. 209); “Em seguida *apura o ouvido* aos rumores circundantes.” (p. 213); “...um fitando o outro, como no *jogo do sizo.*” (p. 215); “... *ao pé da casa...*” (p. 219); “*De tarde...*” (p. 220); “... estão *olhando por ele.*” (p. 220); “... *casa de má fama...*” (p. 225); “... *quando fosse grande.*” (p. 230); “... *foi indo...*” (p. 233); “*Já me deitei com* meu pai...” (p. 235); “- De lá, *dou um pulo* até a Capitania...” (p. 240); “... *veio vindo, veio vindo...*” (p. 242); “*sobrados de antanho*” (p. 245); “... feitas *a toque de caixa.*” (p. 246); “... só se vê catraieiro *de papo para o ar...*” (p. 247); “... vou ficando por aqui, a *fazer das tripas coração...*” (p. 248); “*Quando eu falo, pode escrever.*” (p. 248); “Querido, *tenho a cara no chão.*” (p. 253); “Ai, ai, meu Cristo, *olhai para isto!*” (p. 255); “*Cruz, credo, pé-de-pato.*” (p. 270); “Na *boca da noite...*” (p. 274); “*entendo do riscado, como poucos.*” (p. 275); “*Eu que o diga.*” (p. 275); “... *ponha sentido nele.*” (p. 277); “Para os outros, *o caso muda de figura.*” (p. 279); “...”

não se vexe." (p. 279); "... com receio de *fazer má figura.*" (p. 282); "... é um alho para manobrar uma vela." (p. 291).

Como se observa essas expressões destacadas são características da fala popular, emergindo com muita naturalidade nas interações cotidianas e algumas delas, por exemplo, são encontradas apenas no falar nordestino, constituintes que são da linguagem regional.

5.2.3 Palavras populares

Por último, passar-se-á a apresentar um rol de palavras encontradas na obra e muito comuns na linguagem popular e regional.

5.2.3.1 Verbos

"*arredou-se*" (p. 30); "*mangando*" (p. 36); "*tardou*" (p. 40); "*matutar*" (p. 53); "*apanhou*" (p. 56); "*atiçar*" (p. 66); "*morrinhar*" (p. 72); "*encasqueta*" (p. 79); "*aviar*" (p. 88); "*disparatar*" (p. 94); "*ralhava*" (p. 100); "*enrabichar*" (p. 112); "*arredar*" (p. 113); "*engulha*" (p. 125); "*judiou*" (p. 127); "*desembuche*" (p. 127); "*trespassou*" (p. 167); "*anoitando*" (p. 176); "*repara*" (p. 190); "*riu*" (204); "*tornando*" (p. 205); "*perdura*" (p. 216); "*alumie*" (p. 221); "*alteava*" (p. 222); "*apanhavam*" (p. 223); "*atinado*" (p. 264).

5.2.3.2 Substantivos

"*mau-olhado*" (p. 27); "*nesga*" (p. 38); "*Nhozinho*" (p. 39); "*estirão*" (p. 44); "*paludismo*" (p. 45); "*Chica*" (p. 47); "*diaba*" (p. 47); "*sina*" (p. 53); "*fastio*" (p. 53); "*rodilha*" (p. 54); "*mocho*" (p. 56); "*toada*" (p. 57); "*moita*" (p. 63); "*abano*" (p. 85); "*amásia*" (p. 96); "*estrepolias*" (p. 103); "*homenzão*" (p. 104); "*veneta*" (p. 115); "*toiceiras*" (p. 116); "*Neco*" (p. 120); "*feitio*" (p. 123); "*bosta*" (p. 132); "*mijo*" (p. 132); "*renque*" (p. 153); "*embiras*" (p. 164); "*tucum*" (p. 164); "*beiço*" (p. 171); "*tino*" (p. 172); "*olho-grande*" (p. 175); "*bocadinho*" (p. 176); "*tardinha*" (p. 176); "*resguardo*" (p. 182); "*consumição*" (p. 184); "*febrão*" (p. 186); "*mastruço*" (p. 186); "*coisa-ruim*" (p. 187); "*cusparada*" (p. 204); "*pasmaceira*" (p. 206); "*barriga*" (p. 212); "*lamparina*" (p. 235); "*rapariga*" (p. 236); "*braça*" (p. 242); "*zoada*" (p. 266).

5.2.3.3 *Adjetivos e advérbios*

“*atarantado*” (p. 29); “*encardido*” (p. 29); “*rente*” (p. 37); “*caizada*” (p. 37); “*brabo*” (p. 45); “*apalavrados*” (p. 49); “*miúda*” (p. 54); “*graúdos*” (p. 77); “*pegada*” (p. 97); “*apinhado*” (p. 102); “*amigada*” (p. 130); “*atochado*” (p. 131); “*bojudo*” (p. 131); “*vergado*” (p. 189); “*ruça*” (p. 212); “*embaciado*” p. (215); “*alastrado*” (p. 215); “*derradeira*” (p. 226); “*adiante*” (p. 233); “*defronte*” (p. 269).

Os vocábulos ora apresentados são representativos da linguagem popular e, em alguns casos, regional, presente na obra. Como se observa, as marcas dessas variedades linguísticas analisadas se manifestam ora por meio de palavras que não seguem as flexões do estilo padrão culto, ora por meio de formas lexicais próprias.

Considerações finais

A análise dos dados evidenciou que as linguagens popular e regional estão presentes na obra, muito embora, até onde se sabe, a exploração desta faceta da linguagem não tenha sido foco de interesse principal do autor, pelo menos nesta obra em específico.

Assim, a presença de marcas da linguagem popular e regional na obra deve-se, principalmente, à tentativa do autor de dar maior verossimilhança à sua narrativa, e isto se diz com base em Preti (1982), quando fala da presença desse tipo de linguagem em obras literárias.

Enfim, a presença de traços das linguagens popular e regional na obra contribui para evidenciar que retratar universos ficcionais requer também o respeito à exploração da diversidade linguística, quer seja ela social ou regional.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Relações língua sociedade e cultura na linguagem popular do Ceará**. Disponível em <<http://repositorios.ufac.br/index.php/ramal/article/view/16/7>>. Acesso em: 29 mai. 2023.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. Trad.: Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 6. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1975.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ELIA, Sílvio. **Sociolinguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Padrão; EDUFF, 1987.
- GARMADI, Juliette. **Introdução à sociolinguística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.
- JESUS, Hagamenon de. Maria Olívia e Natalino: arquétipos dos séculos XIX e XX, em Noite sobre Alcântara. In.: MARANHÃO, Secretaria de Estado da Cultura. Casa de Cultura Josué Montello. **Leituras Críticas de romances de Josué Montello**: ensaios reunidos. São Luís: Edições SECMA, 2009.
- KOCH, Ingêdore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991 [1972].
- MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. Curitiba: HD Livros, 1996.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MONTELLO, Josué. **Cais da Sagração**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- MORAES, Jomar. **Apontamentos de Literatura Maranhense**: uma abordagem contextual que leva em conta os fatores políticos, sociais e econômicos. 2. ed. ampl. São Luís: Edições SIOGE, 1977.
- MORAES, Jomar. **Perfis acadêmicos**. 3. ed. São Luís: Edições AML, 1993.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis de fala. 4. ed. rev. e mod. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.
- RODRIGUES, Aryon D'aligna. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.



SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Trad.: Antônio Chelini *et. al.* São Paulo: Cultrix, 2006.

SEKI, Lucy. A linguística no Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 de mai. 2023.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da lingüista**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

Recebido em: 04/03/2024 | Aprovado em: 20/07/2024

Publicado em: 01/07/2025
